

**OS ESTUDOS SOBRE TRABALHO E EDUCAÇÃO NO BRASIL:
DESAFIOS E PERSPECTIVAS**

*STUDIES ON WORK AND EDUCATION IN BRAZIL: CHALLENGES
AND PERSPECTIVES*

**Viviane Nascimento Silva
Christine Veloso Barbosa Araújo**

Universidade Estadual de Montes Claros
vnascimentosilva@yahoo.com.br, christinevba@gmail.com

RESUMO

A complexidade das pesquisas referentes às categorias Trabalho e Educação indicam rumos diferentes aos estudos. Primeiramente, o grau de relevância destas investigações pauta-se no aspecto amplo e no caráter específico que as relações entre Trabalho e Educação podem assumir. De forma geral, ambas representam categorias inerentes ao processo de evolução e desenvolvimento da humanidade. Tanto o Trabalho, em seu sentido mais puro de transformação da natureza em virtude da sobrevivência, quanto a Educação entendida como a capacidade de ensinar e aprender o conhecimento sobre algo acompanham os homens em diferentes momentos históricos. Especificamente, estas mesmas categorias teóricas carregam consigo particularidades em torno de questões econômicas, políticas, culturais e sociais etc. A categoria Trabalho e a categoria Educação são apresentadas e discutidas desde o pensamento clássico até à contemporaneidade. Sobretudo com o surgimento e a consolidação do Capitalismo enquanto modo de produção e, para além disto, como modo de vida estas duas categorias aparecem a todo instante relacionadas à economia, à moral, ao direito, à sociologia. A separação e/ou a junção dos termos Trabalho e Educação já representa alternativas de partida para a análise. Isso significa que quando o estudo parte do Trabalho para entender a Educação, teremos aí uma perspectiva; e quando a questão central parte da Educação para compreender as relações do Trabalho, o direcionamento da investigação é outro. Esta escolha pode envolver diferentes posicionamentos teórico-epistemológico, metodológicos e até mesmo políticos. Ao observar alguns dos estudos que abordam Trabalho e Educação, é possível notar algumas diferenças no trato da questão que implicam no direcionamento da crítica, na condução dos estudos e, inclusive, na finalidade destas reflexões. Este artigo tem como objetivo problematizar alguns aspectos em torno das investigações acerca das categorias Trabalho e Educação. Busca elucidar as principais tendências de abordagem do tema que atrai pensadores da Economia, Filosofia, Psicologia e Sociologia. Procura identificar como as áreas de conhecimento estudam o Trabalho e a Educação e suas relações. Aponta alguns dos mais expressivos desafios teórico-epistemológicos que implicam as pesquisas. O texto foi produzido no sentido de contextualizar as principais reflexões da área e autores relevantes ao estudo no Brasil, desde a década de 50 até os dias atuais.

Palavras-Chaves: Trabalho, Educação, Estado da Arte.

ABSTRACT

The complexity of the researches related to the categories Labor and Education indicate different directions to the studies. Firstly, the degree of relevance of these investigations is based on the broad aspect and on the specific character that the relations between Work and Education can assume. In general, both represent categories inherent to the process of evolution and development of humanity. Both the Work, in its purest sense of transformation of nature by virtue of survival, and Education understood as the ability to teach and learn knowledge about something accompany men at different historical moments. Specifically, these same theoretical categories carry with them particularities around economic, political, cultural, and social issues. The Work category and the Education category are presented and discussed from classical thinking to contemporaneity. Especially with the emergence and consolidation of Capitalism as a mode of production and, furthermore, as a way of life these two categories appear at all times related to economics, morality, law, sociology. The separation and / or joining of the terms Labor and Education already represents starting alternatives for the analysis. This means that when the study starts from the Work to understand Education, we will have a perspective there; And when the central question is part of Education to understand the relations of Labor, the direction of inquiry is another. This choice may involve different theoretical-epistemological, methodological, and even political positions. When observing some of the studies that approach Work and Education, it is possible to notice some differences in the treatment of the question that imply in the direction of the critic, in the conduction of the studies and, even, in the purpose of these reflections. This article aims to problematize some aspects around the investigations about the categories Labor and Education. It seeks to elucidate the main tendencies of approach of the theme that attracts thinkers of the Economy, Philosophy, Psychology and Sociology. It seeks to identify how the areas of knowledge study Work and Education and their relationships. It points to some of the most expressive theoretical-epistemological challenges involved in research. The text was produced in order to contextualize the main reflections of the area and authors relevant to the study in Brazil, from the 1950s to the present day.

Keywords: Work, Education, State of the Art.

TRABALHO E EDUCAÇÃO OU EDUCAÇÃO E TRABALHO: DE ONDE PARTEM AS ANÁLISES?

As investigações em torno das categorias Trabalho e Educação são complexas e podem seguir diferentes rumos. Partem da ideia de que é necessário e relevante abordar a temática de forma geral e específica. De forma geral, por se tratarem de duas categorias inerentes ao processo de evolução e desenvolvimento da humanidade. E específica, porque carrega consigo particularidades em torno de questões econômicas, políticas, culturais e sociais, etc.

A complexidade está presente nos aspectos teóricos, metodológicos, empíricos, bem como no entrelaçamento destes com as áreas do conhecimento. Economistas, Filósofos, Psicólogos, Pedagogos, Sociólogos têm estudado Trabalho e Educação conforme sua filiação e partindo de seus campos de análise.

A categoria Trabalho e a categoria Educação são apresentadas e discutidas desde o pensamento clássico até à contemporaneidade. Sobretudo com o surgimento e a consolidação do Capitalismo enquanto modo de produção e, para além disto, como modo de vida, estas duas categorias aparecem a todo instante relacionadas à economia, à moral, ao direito, à sociologia. A separação e/ou a junção dos termos Trabalho e Educação já representa alternativas de partida para a análise. Ao observar alguns dos estudos que

abordam Trabalho e Educação, é possível notar algumas diferenças no trato da questão que implicam no direcionamento da crítica, na condução dos estudos e, inclusive, na finalidade destas reflexões.

De um lado, existem estudos que partem da análise da categoria Trabalho e se apoiam em: reflexões ontológicas do trabalho e sua função na estrutura social; apontamentos acerca das mudanças históricas e sociais no trabalho; estudos de organização dos modos de trabalho diante de sistemas produtivos; análises de aspectos internos ao processo de trabalho e suas relações com os aspectos externos pertencentes à estrutura social; etc.

Por outro lado, existem análises que partem da categoria Educação e variam em torno do papel da educação na estrutura da sociedade. Alguns estudiosos se dedicam à compreensão do sentido e dos princípios da educação. Desde as análises mais amplas oriundas da filosofia, pedagogia, psicologia, história, sociologia até discussões mais específicas e contemporâneas como, por exemplo, a educação formal, escolar, e dentro dela as modalidades de ensino, a dinâmica de ensino aprendizagem. Além disso, aparecem os estudos que relacionam a educação com outras categorias como gênero, etnia, movimentos sociais, etc.

O fato é que embora possam ser tratadas de maneira distinta e separada, as categorias Trabalho e Educação pertencem uma à outra e estão intimamente ligadas, multiplicando assim as possibilidades de investigação e também impondo desafios à pesquisa. Merecem destaque, duas grandes tendências dos estudos que podem estar em coerência com o lugar de onde partem as análises e que servem para representar a tensão capital trabalho. De um lado, reflexões e críticas acerca do papel da educação diante do processo produtivo e da formação dos trabalhadores, evidenciando as relações de exploração e expropriação do trabalho e do trabalhador. De outro, estudos que incorporam o discurso do empresariado numa preocupação de como a qualificação dos trabalhadores para o mercado de trabalho interfere no aumento e na otimização do capital. Guardadas as devidas proporções, ambas as perspectivas possuem poder explicativo da realidade que estudam e interferem diretamente ou indiretamente nas lutas, disputas, políticas, escolhas institucionais, mudanças na legislação, etc.

Ao observar as publicações impressas e em eventos científicos em torno da temática nas últimas décadas é recorrente encontrar alguns enunciados que acabam classificando os estudos em grandes áreas e subáreas do conhecimento¹. O quadro a seguir, pertence a um levantamento da produção acadêmica da área desde 1996 e oferece-nos uma classificação das principais abordagens realizadas.

¹ Existem vários levantamentos realizados e cadastrados no âmbito da Plataforma do CNPQ/CAPES cujo objetivo é classificar as publicações em torno das categorias Trabalho e Educação. Diante das mudanças ocorridas nas últimas décadas, é importante realizar novos levantamentos no sentido de atualizar os dados acerca da produção acadêmica na área, das tendências dos estudos atuais, etc. (CAPES, 2016).

Quadro 01 - Abordagens de estudo sobre Trabalho e Educação

Temas Gerais	Conteúdo específico das discussões
<i>Trabalho e educação – teoria e história</i>	O trabalho como princípio educativo; a evolução histórica do conceito de trabalho; a relação trabalho e educação e sua reconstrução histórica.
<i>Trabalho e educação formal</i>	O trabalho e a continuidade/descontinuidade da escolarização do trabalhador.
<i>Profissionalização e trabalho</i>	Análise histórica das políticas de profissionalização definidas pelo Estado.
<i>Educação do trabalhador nas relações sociais de produção</i>	Reestruturação produtiva, apropriação do conhecimento nos processos produtivos; a organização da produção e suas propostas pedagógicas
<i>Trabalho e educação nos movimentos sociais</i>	Demandas de conhecimentos científico-tecnológicos dos movimentos sociais com base na produção
<i>Trabalho e subjetividade</i>	Como os trabalhadores enxergam a importância do trabalho e a formação educativa para o trabalho.
<i>Educação, trabalho e gênero</i>	Profissões e gênero. Formação x Gênero. Profissões vistas como femininas ou masculinas e o mercado de trabalho para esses profissionais

Fonte: (MORAES, 2010)

O que é possível perceber é que hora as discussões se concentram mais no âmbito da Educação, hora elas se concentram mais na esfera do Trabalho e podem geralmente aparecer relacionando as duas categorias numa estreita relação. Existe uma predominância do materialismo histórico e do funcionalismo enquanto corrente epistemológica que norteia a base da maioria destes estudos. Entretanto, já é recorrente a influência de pensadores da escola francesa, dimensões do estruturalismo e tendências accionalistas em estudos recentes, sobretudo aquelas relacionadas à subjetividade, aos saberes e à experiência no campo do Trabalho e na área da Educação.

Um questionamento torna-se pertinente para produzir reflexões e vai no sentido de pensar o que, de fato, mobiliza os estudos desta temática: O que instiga os pesquisadores a estudarem as relações entre Trabalho e Educação? E ainda, quais as problemáticas específicas que, de fato, movem os pesquisadores desta temática?

AS CONTRIBUIÇÕES MAIS RELEVANTES AO ESTUDO DO TEMA

Partindo da Sociologia, as contribuições clássicas mais relevantes estão nos escritos de Émile Durkheim e Karl Marx. Durkheim trata o Trabalho como uma das formas pertencentes à estrutura social. Ele atribui a ideia de função fazendo analogias entre um organismo vivo e a organização social. Assim, questiona qual a finalidade da divisão do trabalho para a sociedade, o que isso representa para manter certo equilíbrio de funcionamento da estrutura social. Suas reflexões apontam e identificam que além do caráter produtivo, a função que o trabalho exerce, possui uma dimensão moral que une os indivíduos numa relação de interdependência e solidariedade. Desta forma, também a educação aparece como um dos elementos que compõem a estrutura social, assumindo a função de ser mais um espaço de socialização dos indivíduos. O que a educação proporciona vai além do aprendizado em torno de um ofício e concede princípios de natureza moral visando o ordenamento da realidade social. (DURKHEIM, 1999)

Na visão de Marx o Trabalho possui um sentido ontológico porque tem a ver com a interação que o homem estabelece com a natureza. Trata-se de uma atividade do gênero humano que é ao mesmo tempo objetivadora, social e consciente. Pode ser entendido como transformador ou produtor na sua essência. O trabalho com caráter transformador diz respeito à da capacidade do homem em utilizar os recursos disponíveis na natureza, para assim transformá-los visando à obtenção de bens necessários à sua sobrevivência. Já o trabalho visto como produtor trata-se da produção e reprodução de bens, serviços e relações oriundas desta transformação. Ainda é possível analisar o trabalho em termos de relação e utilidade. No primeiro caso, observam-se as relações produzidas, contatos estabelecidos e troca de experiências, possibilitados por meio do trabalho. Numa segunda perspectiva, o trabalho pode ser analisado a partir dos valores que adquire quanto à sua utilidade para o grupo social. (MARX, 1989)

O entendimento de Marx acerca da Educação transcende a própria expressão por que ele a trata como formação integral humana ao defender que a Educação para classe trabalhadora deveria ser composta por *uma Educação Mental, Educação Física e a Instrução Tecnológica* propriamente dita. (MARX, 1989)

Sem ter a pretensão de apontar toda a produção científica das categorias Trabalho e Educação, vale destacar aspectos relevantes das contribuições e críticas desenvolvidas em torno do tema.

No campo da Economia da Educação, os estudos em torno da Teoria do Capital Humano de Theodore Schultz ganharam destaque no Brasil até a década de 1970. Trata-se de uma visão tecnicista da educação associado ao desenvolvimento econômico. A Educação é vista como técnica social capaz de aumentar a produtividade e otimizar a capacidade de Trabalho. Esta abordagem se fortaleceu sob a ótica de duas questões essenciais: Primeiro, a influência norte americana diante da formação científica, teórica e metodológica de mestres e doutores brasileiros alinhada ao positivismo e empirismo. Em segundo lugar, as circunstâncias econômicas e políticas vividas pelo Brasil que exigiam uma proposta de desenvolvimento baseada no processo de racionalização que seria alcançado por meio da utilização da ciência e a da tecnologia. (KUENZER, 1991) Estes dois fatores foram fundamentais para que a Educação fosse considerada a fonte de promoção do desenvolvimento via qualificação do trabalhador. A Teoria do Capital Humano direcionou muitas decisões no âmbito da academia e também na esfera política. Os cálculos em torno da Educação foram tratados em termos de gastos ou investimentos transformados em um tipo de capital específico destinado a promover a visão de desenvolvimento do momento. A teoria foi igualmente alvo de muitas críticas tanto no campo da economia quanto em outras áreas. Mesmo se considerarmos as tentativas de superar o debate teórico em torno desta questão, cabe a seguinte indagação: o quanto os relatórios atuais e as indicações do Banco Mundial ainda refletem ou representam um retorno à Teoria do Capital Humano no que se refere à Educação? ²

Em seguida, a abordagem crítico-reprodutivista no Brasil foi marcada pela influência na produção de Roger Establet (1971), Luis Althusser (1974), e na produção de Pierre Bourdieu e Jean Claude Passeron (1975), entre outros. Eles situam o papel da Educação e da escola no campo da reprodução das relações sociais capitalistas ao revelar o caráter classista da escola burguesa e destacam a capacidade de dominação destes espaços para com os sujeitos. A crítica acerca daquilo que condiciona e determina a educação no país é acompanhada de um debate de ordem teórico-epistemológico que questiona o próprio jeito de se fazer pesquisa no âmbito da educação, ancorado no positivismo. Está presente aqui uma forte crítica ao modelo de educação voltado para a

² Se observarmos os últimos relatórios do Banco Mundial, é possível perceber a presença forte de elementos teóricos da Teoria do Capital Humano no direcionamento das reformas educacionais.

qualificação do trabalhador porque estaria subordinado ao desenvolvimento econômico e atendendo aos interesses do capitalismo. Os trabalhos neste campo de abordagem procuram desmitificar o papel *messiânico* da educação de transformar a realidade social e apontam para seu caráter funcional diante do sistema capitalista de produção evidenciando seu aspecto ideológico.

As críticas ao reprodutivismo aparecem logo no início dos anos 80 com o surgimento da pedagogia histórico-crítica inspirada em Marx e Gramsci. A principal referência aqui são os escritos de Demerval Saviani (1983) que procura enfatizar a Educação num processo contraditório e de mediação e transformação da sociedade. No campo da Economia da Educação, destaca-se a produção de Cláudio Salm (1980) que realiza uma crítica às críticas em torno das relações entre Educação e o processo produtivo. Indaga o quanto a escola estaria realmente subordinada ao capital e sugere que ela mesma prescinde das relações capitalistas ao agregar valor à formação das qualificações. Ele defende que o Capital não deixaria à cargo da escola, a produção das suas relações ou a funcionalidade de transmitir seus valores. A tese é a de “que nem a escola é capitalista nem o capital precisa dela para preparar o trabalhador, salvaguardando apenas seu papel ideológico” (SALM, 1980, p. 101)

A partir das transformações ocorridas no sistema capitalista nos meados da década de 1980, as análises realizadas desde então procuram mudar o enfoque dos discursos e em certo sentido, até superar o debate anterior. Apesar disso, alguns estudos apontam para o retorno ou uma resignificação de perspectivas teóricas anteriores.

Miguel Arroyo (1981) aponta várias questões a serem estudadas sobre as relações entre educação e trabalho que recolocam a questão. O autor discute, por exemplo, os efeitos deformadores que são gerados a partir das relações capitalistas de produção, e enfatiza em suas análises as tensões que existem nos vínculos entre trabalho e educação.

A partir disso, surgem novos estudos como por exemplo de Frigotto (1983) que busca identificar as relações entre a prática da escola e o quanto ela interage com os interesses do capital. Ele questiona a abordagem crítico positivista que trata a escola como reprodução das ideias do capital e também a abordagem de Salm que desvincula completamente as relações entre a educação e o processo produtivo. Para Frigotto (1983), muito mais do que uma questão estrutural de uma esfera determinar a outra, o que está posto é de ordem conjuntural em que se justapõe. O Trabalho torna-se mercadoria. A educação não é uma prática capitalista, ela torna-se funcional ao capital à medida que se reduz a formar trabalhadores. E o capital apresenta uma dimensão político-ideológica da educação que lhe é útil, por isso a necessidade de controlar a escola. Assim, as circunstâncias se dão de forma mediada e por diferentes aspectos que se reúnem. Dependendo da forma como a escola é organizada, ela pode seguir princípios ideológicos tanto da burguesia, quando dos trabalhadores. Na visão de Frigotto, se for organizada sob o ponto de vista dos trabalhadores, a escola buscará conteúdos e princípios que contribuam para a produção e apropriação do saber de maneira diferente.

Em outra perspectiva, os estudos de Kuenzer (1985) procuram identificar como a classe trabalhadora se apropria do saber em meio às relações de produção. O que ela chama de *pedagogia da fábrica* consiste na compreensão de como a fábrica capitalista educa o trabalhador para o processo produtivo. Assim, o próprio fazer do trabalhador pode ser encarado como princípio educativo por meio das relações que o homem adota, das contradições que vive. Trata-se de abordar a Educação “no” e “para” o Trabalho.

Em seu trabalho, cita Gramsci para enfatizar que a organização do processo produtivo cria e dissemina modos de vida, valores, atitudes que são convenientes à ideologia vigente. E nesse sentido, a qualificação e a desqualificação do trabalhador ocorre conforme as circunstâncias hegemônicas do sistema.

O trabalhador produz um tipo de saber quando realiza seu trabalho, mesmo que atue em tarefas consideradas eminentemente práticas. A ação, a reflexão, a metodologia e os instrumentos utilizados sugerem uma dimensão conceitual que se relaciona com outros saberes cotidianos socialmente produzidos. Isso confere a capacidade criativa e transformadora ao trabalho e é o bastante para iniciar ou dar continuidade ao “jeito de se fazer” e às modificações dos processos de trabalho. No entanto, não há um reconhecimento destes saberes do ponto de vista da ciência e o que vigora é a hierarquização do trabalho numa escala coletiva por meio de uma divisão social e técnica. Assim, se definem por exemplo, os requisitos básicos de qualificação do trabalhador, o perfil desejado pela fábrica e que tipo de qualidade de educação ele deve possuir. Desta forma é que a empresa capitalista consegue direcionar a formação do trabalhador em dimensões técnicas e políticas e orientar a distribuição desigual do saber sob a classificação hierarquizada das funções em torno do trabalho.

O processo de qualificação/desqualificação do trabalhador ocorre na medida em que o trabalho se simplifica pelo avanço tecnológico. As exigências e domínios de conteúdo se deslocam, se diluem ou se complexificam e geram a mobilidade da força de trabalho e a modificação da natureza dos postos de trabalho. No interior das fábricas os trabalhadores são realocados, treinados ou demitidos conforme as circunstâncias de adaptação. Os trabalhadores que não se encaixam no modelo proposto ficam à margem do processo produtivo. Kuenzer (1985) aponta que a fábrica capitalista desenvolve uma pedagogia que controla o acesso ao saber, à medida em que oferece treinamentos ou busca cursos externos voltados para aquilo que o trabalhador precisa saber para desempenhar sua função. Isso dificulta o acesso aos outros saberes socialmente produzidos e fragmenta tecnicamente a produção do conhecimento.

Para ampliar os novos processos de gestão e de trabalho e não correr o risco de restringir a aprendizagem prática, as empresas apostam em estratégias administrativas como por exemplo, rotatividade nas funções, controle da produtividade, participação nas decisões e lucros da empresa, multitarefas associadas à função, etc. Passam a ser melhor tratados os elementos associados à liderança, afetividade, aptidões, clima organizacional, lazer, e bem estar do trabalhador visando sua melhor produtividade.

Ainda sobre as dimensões pedagógicas das relações capitalistas está a produção de Machado (1984) que trabalha com a ideia da diferenciação/unificação escolar. Ela defende que o sistema escolar tende a se diferenciar e se particularizar por meio das diferentes modalidades de ensino para garantir a distribuição do saber, processo este regulado pelo sistema capitalista.

Ao tratar da unificação escolar ela aponta duas perspectivas contraditórias presente na organização do ensino. De um lado, a escola única de trabalho, com influência da ideia socialista de educação que almeja o desenvolvimento multilateral do ser humano, de forma a alcançar uma condição de emancipação. Isso pressupõe um conjunto de métodos, conteúdos e instrumentos unificados e que se operacionalizam no âmbito da Politécnica, cujo objetivo é o de preparar o homem de forma integral e multifacetada. Por outro, a visão liberal de unificação escolar procura hegemonicamente homogeneizar os processos culturais e morais do povo em torno dos interesses nacionais burgueses. E isso se faz pela diferenciação das condições de vida e aumento das desigualdades sociais. Se na perspectiva liberal, a relação educação trabalho diante da unificação escolar é vista como fonte moral ou preparação para o mercado de trabalho, a visão socialista compreende uma relação integradora e de completude do ser humano por meio da união entre a formação e o labor. Esta visão está inspirada numa condição ontológica do trabalho conforme a teoria marxista. A produção de Machado possui forte influência conceitual e filosófica de Marx, Gramsci e Bruno Latour.

Na mesma linha de investigação, estão as publicações de Salgado (1981) que trata a Educação na perspectiva da formação integral do ser humano para a vida em sociedade, trazendo a dimensão da cidadania para as discussões que relacionam Trabalho e Educação. Também se dedica a estudar a dinâmica pedagógica do interior da fábrica e busca a compreensão do caráter mediador da escola para com as relações sociais de produção. Aborda o processo de simplificação dos processos de trabalho por meio da automação e destaca a atuação do Estado diante das políticas educacionais.

Outra contribuição muito relevante ao debate em torno das relações entre Trabalho e Educação consiste na produção de Miguel Arroyo (1981) que confere à Educação uma esfera privilegiada de formação do trabalhador. Ele procura compreender e demonstrar como a mediação da escola forma cidadãos/trabalhadores e conclui que a burguesia possui mecanismos próprios de “fabricar” e/ou formar trabalhadores. Conduz o debate para o campo da cidadania ao tratar a educação como um direito da classe trabalhadora à produção de saber, cultura e identidade, embora não se esgote nele. Ele entende que a educação vai muito além da instrução e precisa ser compreendida enquanto produção de homens, de identidade, de valores.³ Uma das preocupações de Arroyo consiste em diferenciar o processo pedagógico específico que ocorre no ambiente da escola e a pedagogia mais ampla em meio às relações sociais.

De 1991 aos dias atuais se amplia a quantidade de estudos em andamento que fornecem diferentes contribuições para o debate em torno das relações entre Trabalho e Educação. À medida em que a sociedade se modifica, outras abordagens surgem, algumas complementam ou criticam às anteriores e a produção vasta neste campo de análise se articula com outras áreas do conhecimento. Eunice Trein e Maria Ciavatta (2003) realizaram um levantamento da produção do GT Trabalho e Educação da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação - ANPED e classificaram em blocos, conforme as abordagens transversais à temática principal. Outra tentativa de organizar a produção acadêmica da área, foi uma pesquisa realizada por Silvy Vidgal que fornece um panorama das principais publicações em Revistas produzidas desde então.

Alguns termos aparecem com maior frequência nos estudos e as pesquisas realizadas nas últimas décadas procuram explicar as relações entre Trabalho e Educação em face das transformações estruturais. Diante de tantos autores e discussões, podemos destacar alguns que estiveram mais presentes: O debate em torno da Qualificação para o trabalho realizado por Nadya Araújo Castro (1997); Questões acerca da Reestruturação Produtiva de Marilis Lemos de Almeida (1997); as relações entre Trabalho, qualificação e Competência com Silvia Manfredi (1998); Celso Ferretti (1997 e 2000), Afrânio Catani (2000) com o debate sobre Política Educacional e as reformas dos currículos proposta pela Lei de Diretrizes e Base da Educação - LDB; Acácia Kuenzer (2006) e Maria Ciavatta (2006) com as abordagens sobre a Formação Profissional; Roberto Leher (2003) que aborda a formação superior estratificada fundamentada em políticas internacionais contemporâneas para a educação superior em países periféricos, como o Brasil; Gaudêncio Frigotto (2003) na discussão acerca da educação do trabalhador; Ricardo Antunes (2004) abordando as mudanças no mundo do trabalho na era da mundialização do capital; Márcio Pochman (2004) discutindo as relações entre educação e trabalho num contexto de desemprego; Maria Rosa Lomabrdi (2006) com questões de Educação, Trabalho e gênero; Lucília Machado (1995 e 2009) acerca da educação do trabalhador, unificação escolar e os desafios do ensino médio e da formação docente.

³ Caberia aqui uma reflexão acerca dos riscos de se tratar a educação na esfera da produção porque pode incorrer na analogia com a fábrica. Logo o ensino poderia ser tratado como mercadoria e teríamos que delimitar as condições de circulação deste tipo específico de capital.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Afinal, porque estudar Trabalho e Educação? O que se pretende com tais reflexões? De onde partir para entender os processos relacionados à formação que o trabalhador precisa? Os estudos acerca de Trabalho e Educação são complexos, justamente por se tratarem de duas categorias intimamente relacionadas ao desenvolvimento da humanidade.

O trabalho em si num sentido mais puro, consiste na capacidade de transformação da natureza em produto que serve à sobrevivência da humanidade. A educação em sentido amplo, diz respeito ao processo de transmissão do conhecimento necessário a este trabalho.

A complexidade das pesquisas referentes a categorias Trabalho e Educação se materializa nas especificidades dos estudos em decorrência de circunstâncias econômicas, políticas, culturais e sociais que deslocam o debate ora para o entendimento das relações inerentes ao trabalho, ora para explicitar questões relacionadas à educação.

Sobretudo com o surgimento e a consolidação do Capitalismo enquanto modo de produção estas mesmas categorias aparecem relacionadas a outras áreas do conhecimento como a economia, o direito, a sociologia. A partir da área estudada, a separação e/ou a junção dos termos Trabalho e Educação, indica opções teórico-metodológicas diferentes que são apresentadas nas investigações. A importância de perceber esta flexão dos termos consiste em entender como este direcionamento além de epistemológico, carrega consigo questões políticas, ideológicas sobre o entendimento das categorias estudadas.

Ao observar as principais tendências de abordagem do tema que atrai pensadores, percebe-se que autores da Economia, Filosofia, Psicologia e Sociologia, dentre outras áreas, buscaram de seus lócus de discussão, entender como se configuram as relações entre Trabalho e Educação.

Algumas contribuições relevantes ao estudo no Brasil desde a década de 50 permitem entender parte da dinâmica de organização da educação brasileira diante de um processo de reestruturação dos processos de trabalho. Alguns autores partem da categoria Educação para entender dimensões relativas ao trabalho, outros partem da categoria Trabalho, para então localizar questões associadas a educação e seus desafios.

Em suma, o processo de reestruturação produtiva datado das últimas décadas, apontam tanto para mudanças no campo do Trabalho, quanto na dimensão da Educação. Nota-se que as produções científicas tentam problematizar isso por meio de reflexões e formulações de novos questionamentos sobre a temática.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do estado**. Lisboa, Presença, 1974.

ARROYO, Miguel. **Administração da educação, poder e participação**. Educação e Sociedade. São Paulo, 1979. O direito do trabalhador à educação. In: CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO, 4. Goiânia, set. 1986. Anais s.n.t. Educação e Trabalho. In: REUNIÃO ANUAL DE ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO. Rio de Janeiro, ANPED 1981.

BERNARDO, João. A produção de si mesmo. **Educação em Revista**. Nº 10 Belo Horizonte, UFMG. 1989. p.3-17. <<http://educa.fcc.org.br/pdf/edur/n09/n09a02.pdf>>, acesso em 20.07.2013.

BOURDIEU, Pierre e PASSERON, Jean Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1975.

BRAVERMAN, Harry. Trabalho e gerência. In: **Trabalho e capital monopolista**. 3.ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987. p.47-134. (I Parte).

_____. Nota final sobre qualificação. In: **Trabalho e capital monopolista**. 3.ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987. p.359-379

CIAVATTA, Maria A. e Trein, Eunice (2003). **O percurso teórico e empírico do GT Trabalho e Educação**. Uma análise para debate. Revista Brasileira de Educação, ANPED, n. 24, set/out/nov/dez, p. 140 – 164

DURKHEIM, Emile. A solidariedade devida à divisão do trabalho ou orgânica. In: **A divisão do trabalho social**. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 85-109.

_____. Métodos para determinar essa função. In: **A divisão do trabalho social**. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 13-37.

ESTABLET, Roger. **A escola**. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, (35):93- 125, out./dez.1973.

FLEURY, Maria Tereza Leme e FLEURY, Afonso. **Construindo o Conceito de Competência**. RAC, Edição Especial 2001: 183-196

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Fazendo pelas mãos a cabeça do trabalhador**; o trabalho como elemento pedagógico na formação profissional. Cadernos de Pesquisa, São Paulo (47):38-45, nov.1983.

KUENZER, Acácia Zeneida, (1987). **Educação e trabalho no Brasil**; o estado da questão. Brasília: INEP/MEC, 1991.

_____. A pedagogia da fábrica: as relações de produção e a educação do trabalhador. São Paulo, Cortez, 1985.

MACHADO, Lucília Regina de Souza. **Usos Sociais do Trabalho e da Noção de Competência**. In: Helena Hirata e Liliana Segnini. (Org.). Organização, Trabalho e Gênero. São Paulo: Senac, 2007, v., p. 277-312.

_____. **Unificação escolar e hegemonia**. São Paulo, PUC,1984. Tese doutorado.

MANFREDI, Sílvia Maria. **Trabalho, qualificação e competência profissional - das dimensões conceituais e políticas**. Educ. Soc. vol. 19 n. 64 Campinas Sep. 1999 – Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73301998000300002>. Acesso em: 06/07/2015.

LEHER, R. **Expansão privada do ensino superior e heteronomia cultural: um difícil início de século**. In: DOURADO et al. Políticas e gestão da educação superior: transformações recentes e debates atuais. São Paulo, Xamã, 2003. p. 81-93.

MARX, Karl. Processo de trabalho e processo de produzir mais valia. In: **O capital**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.p.201-223.

_____. Divisão do trabalho e manufatura. In: **O capital**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.p.386-.422.

MORAES, Carmem Silvy Vidigal. TEIN, Denise Tadei. **Trabalho e educação: um estudo sobre o “estado da arte” da produção acadêmica na área.** In: Série Iniciação Científica Vol. 6. São Paulo: Faculdade de Educação USP, 2010.

SALGADO, Maria Umbelina Caiafa. **Formação para a cidadania no ensino de 2º grau.** Em Aberto, Brasília,4 (28):1-9, out. /dez.1985.

SALM, Cláudio D. **Escola e trabalho.** São Paulo, Braziliense, 1980.112p. In: PROFISSÃO e educação. São Paulo SENAC,1983. p.25-30. (Série debates,8)

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização - do pensamento único à consciência universal.** São Pauto: Record, 2000.

SAVIANI, Dermeval. **A Pedagogia histórico-crítica no quadro das tendências críticas da educação Brasileira.** ANDE, São Paulo,6 (11) :15-23,1986.

SCHULTZ, Theodore W. **O valor econômico da educação.** Rio de Janeiro: Zahar Editores.

Recebido para publicação em 20 de outubro 2016
Aceito para publicação em 12 de dezembro de 2016